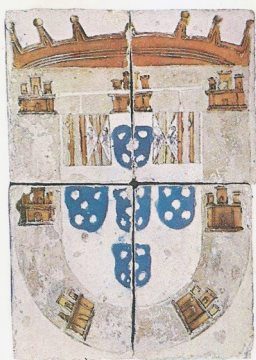


MEMÓRIA · PORTUGUESA

ANTÓNIO SÉRGIO

# CORRESPONDÊNCIA PARA RAUL PROENÇA

Organização e introdução de José Carlos González  
Com um estudo de Fernando Piteira Santos



Publicações Dom Quixote/Biblioteca Nacional

Carta de António Sérgio a Jaime Cortesão  
26 de Outubro de 1913

Meu querido Barbiruivo:

Mando-lhe inclusa a minha réplica. Confio na sua lealdade que a lerá com isenção e de espírito desprevenido, e que a fará publicar no n.º mais próximo da *Vida*. Não creio que haja aspereza em mim, e muito menos consigo, a quem verdadeiramente estimo. O facto de lhe ir dedicar um trabalhinho é mais uma prova, pois deve já conhecer-me suficientemente para saber que não lisonjeio, e não preciso de lisonjear ninguém, como aliás os meus artigos o demonstram. Tenho sido, até hoje, o homem mais independente deste mundo, e desejo ardentissimamente continuar a sê-lo. Não almejo o apreço dos confrades em letras, que não conheço e não procuro conhecer. Os meus livros só são oferecidos a amigos, ou a curiosos que vêm ter comigo: jamais aos *mestres* e literatos que dão diplomas de talento. Dizia-me um dia o Proença que ninguém me conhece: é verdade, e o culpado, proposital, sou eu.

Quero de todo o coração a sua amizade e confiança, não pelas vantagens que dela me possam advir: porque só busco o bem puramente espiritual que é ter-se um amigo que se estima e admira. Se escrevo na *Vida* não é porque não tenho mais tribunas donde possa arengar ao público, mas sim porque para lá me leva o sentimento. E a propósito: gostou do meu artigo sobre Antero no *Rebate*? Eu ainda o não vi impresso, porque o correio de Lisboa considera o *Rebate* matéria inflamável e o não deixa vir para o

estrangeiro. *Sancta simplicitas!*

Combata-me pois sem tréguas, se a razão lho manda, mas não me combata por sentimento ou por *parti-pris*. Creio que a minha teoria tem muito de verdadeiro, e pode ser fecundada em corolários práticos.

Ando infelizmente atarefadíssimo (a organização de uma Enciclopédia em 20 volumes, executada sob a máxima *time is money*, imagine que complexa coisa!), de maneira que não posso por enquanto colaborar no seu jornal com a assiduidade que desejaria. Esperarei até que tenha a máquina sob pressão menos alta.

Pelo que respeita ao seu procedimento com o Pascoaes, há de concordar que fugi dele tanto quanto foi possível. Quando o saudosismo apareceu, não o ataquei, fugi, deixando de colaborar na *Águia*; o saudosismo continuou, e eu fugi mais, abandonando a *Renascença*. O nosso poeta continuou não só a dar-nos o seu saudosismo, como a ridicularizar e amesquinhar os *estrangeirados*, embasbacados com Paris de França; sou dos que o Poeta chama estrangeirados, se bem que não principalmente. Não saí contudo à estacada. Quem falou no caso, incidentalmente, foi o Proença, em polémica com o Júlio de Matos. Nessa ocasião o Poeta generosamente me convidou a regressar à *Renascença* e a escrever para ela, expondo com toda a liberdade as minhas ideias. Continuando a troça dos *estrangeirados*, eu dei então as minhas razões. Julgue você com imparcialidade, Barbiruivo, e não se deixe cegar pela justa amizade que lhe consagra.

Peço-lhe que diga ao Álvaro Pinto que a época actual é a pior para vir ao Rio, porque vamos entrar no Verão, afugentador das gentes. Em Março falaremos. Agradeço-lhe a ele as amabilidades do último postal recebido, e dou a ambos um abraço lealíssimo

António Sérgio

P.S. — Aprovo plenamente a rejeição da *Humilde súplica* pois muito me desgostaria ofender o Pascoaes. Apresente-lhe as minhas homenagens de amigo pessoal e dissidente literário.